

Cléa Brandão

Casa de Farinha 2

Aracaju-SE

 **ArtNer**^{EDITORA}
Comunicação

2021

© Copyright 2021 by Editora ArtNer Comunicação

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração

ArtNer Comunicação

Diagramação

Joselito Miranda

Capa

Roseilde Reis

Revisão de texto

Cléa Brandão

Brandão, Cléa.

B817c Casa de farinha II. / Cléa Brandão.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2021.

94p.: il.

1.Memórias Históricas

2. Prosa Narrativa- Casa de Farinha

3.Reminiscências do tempo

I - Título

CDU: 93: 82 (813.7) -3

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

• Nota da editora

Mantivemos a forma escrita da autora, respeitando as expressões entre aspas e no tocante à linguagem popular e informal, própria das gentes do interior e do que os registros exigem.

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • <http://artner.com.br/>

AGRADECIMENTO

Esta é uma hora difícil, visto que devemos a tantos quando concluímos um trabalho, por mais simples que seja. Agradeço inicialmente ao Senhor, que através de um sonho, no qual eu me via chegando à velha Casa de Farinha sendo recebida com festa, me encorajou a produzir a 2ª edição desse livro, revisado e repaginado. Esse era um projeto antigo, mas sem andamento.

Assim, tomei impulso e galopei no sonho, aqui realizado.

Claro que em tais situações contamos com os amigos, familiares e especialistas no assunto.

Registro, o incentivo dado pelos confrades das Academias às quais pertenço. Todos esses, sem exceção, me incentivaram muito a fazer uma 2ª edição do *Casa de Farinha*, focalizando novos fatos nela centrados. Assim, *Outros Escritos*, da 1ª edição não compuseram esse segundo.

Portanto, confrade Porfirio com seu Prefácio tão erudito que ultrapassou os limites dos meus pueris escritos, meu profundo agradecimento.

Agradeço enfim, e já antecipadamente, aos leitores que vierem a ler o livro e gostarem do modo simples com que foi composto.

A Rose, a digitadora dos originais, minha gratidão, pela paciência.

Enfim, às pessoas que me marcaram e que forneceriam sem saber, subsídios para os meus escritos. Verdadeiros bens em suas azáfamas e que se foram sem saberem-se protagonistas das páginas em que serão imortalizadas.

A todos meu bem-querer e minha humilde oferta de um pouco de mim retratada nestas páginas.

*Deixemos que diga o tempo,
pois mudamente surdo é o único
que sem dizer nada diz tudo.*

Calderón de La Barca

APRESENTAÇÃO PRIMEIRA

Este é um relato de distrações da memória, se assim posso enquadrá-lo.

Quem sabe, é uma necessidade de livrar-me de imagens marcantes, aquelas que sempre nos acompanham ao longo da vida, e que nos fazem rir, e às vezes chorar.

Fatos, reminiscências do tempo, em que “éramos felizes e não sabíamos”.

Trago à tela fatos da infância, vividos no momento mais fértil da inteligência.

Hoje, do alto dos meus sessenta anos, autorizados neste 7 de dezembro de 2005, permito-me discutir situações, perfilar tipos, interpretar fatos, filosofar, se querem os leitores. Poetiza-se também, num abrir das janelas da alma, expressando sentimentos e sonhos perdidos na poeira do tempo.

Rápido como uma nuvem passageira, chego a esta efeméride. Em meu socorro, o escritor Machado de Assis, que sempre foi o meu grande inspirador. Lendo-o em *Dom Casmurro*, permito-me parafraseá-lo quando diz, ao procurar o tempo perdido:

“O meu objetivo é atar as duas pontas da vida e restaurar na maturidade um pouco da infância”.

Aqui vão estórias reais, que emanaram de pessoas que já viveram, e na maioria delas, postas nas falas de um personagem contador de causos, o Seo Duardo, embora nem tudo o que aqui dito, foi ouvido dele. Mas vale assim mesmo, para facilitar, vez que o nosso relator deterá o privilégio da maioria das narrações. Outros fatos eu os ouvi da minha mãe e do meu pai. Alguns eu mesmo vivenciei, sendo todos reais.

Aqui não se encontra rigor científico, nem temos essa pretensão, mas cenas e fatos, frutos da observação de seres humanos, que deixaram marcas indeléveis na sua obscuridade, “afortunados”, como diria Maquiavel, no seu habitat. Pessoas para as quais o simples cheiro de farinha torrando no forno, tornava-as animosas e recompensadas por tantos trabalhos.

Para um estudo mais cuidadoso sobre a importância da farinha de mandioca, lemos *Sergipe Colonial I*, da Prof^a Acad. (ASL) Maria Thétis Nunes; *Sergipe – Fundamentos de Uma Economia Dependente*, na Prof^a Maria da Glória Santana de Almeida; e *A Colonização da Capitania de Sergipe Del-Rey*, do Prof. Acad. (ASL) Emmanuel Franco.

Eis aqui o meu melhor, para oferecer aos meus queridos amigos e próceres. Se for compreendida no que tentei transmitir ao escrever essas humildes páginas, sinto-me plenificada e desobrigada deste modesto trabalho a que me impus.

E convido o leitor a apurar seu olfato e sentir o cheiro do mato, da terra molhada, e da farinha torrando no forno.

Enfim, Prof. Emmanuel Franco, eu escrevi e lhe fui obediente, aceitando as suas simpáticas provocações.

SUMÁRIO

Primeira justificativa	9
Uma segunda justificativa	11
Introdução	13
Homem x Natureza.....	13
Prefácio da edição de 2005.....	17
Prefácio segundo	19
Capítulo I A aventura começava	23
Capítulo II A chegada	25
Capítulo III A casa de farinha	27
Capítulo IV Tia Minervina e suas filhas.....	29
Capítulo V A farinhada e suas cantorias	32
Capítulo VI A palestra	36
Capítulo VII As Marias de Pedro Gonçalves.....	37
Capítulo VIII O contador de estórias	40
Capítulo IX O velório	42
Capítulo X O alto falante de Estevão.....	45
Capítulo XI As moedas perdidas	48
Capítulo XII A bela Catarina.....	50

Capítulo XIII	Pro Siebra ou pro São Paulo?.....	52
Capítulo XIV	As primas.....	54
Capítulo XV	O padre.....	57
Capítulo XVI	Uma tapagem de casa.....	59
Capítulo XVII	Um exemplo de solidariedade humana.....	64
Capítulo XVIII	O maçone.....	66
Capítulo XIX	Uma limpagem de fonte.....	68
Capítulo XX	O “juiz de dereto”.....	70
Capítulo XXI	Os serões.....	72
Capítulo XXII	Apologia ao candeeiro.....	74
Capítulo XXIII	Os banhos nas biqueiras.....	78
Capítulo XIVX	A avó Filismina na casa de farinha.....	80
Capítulo XXV	O furto no canavial.....	82
Capítulo XXVI	Gu, o doidinho.....	84
Capítulo XXVII	A casa mal assombrada.....	86
Capítulo XXVIII	A novena.....	88
Conclusão.....		90

PRIMEIRA JUSTIFICATIVA

Preciso justificar-me por refazer a *Casa de Farinha*, ampliando-o, contando causos não registrados no primeiro livro. Muitas pessoas me dizem que gostaram do *Casa*, mas como está esgotado desde 2005, sinto-me impelida a tocar novamente nesses assuntos, tão caros à minha memória, e que fazem parte da minha história.

No ocaso da vida, os pensamentos se cristalizam, as lembranças são filtradas e ficamos mais sensíveis às coisas e situações que nos marcaram.

É um martelar sem fim em nossa memória! É uma enorme necessidade de transferir para o papel, o que nos marcam por tantas décadas.

Essa revisão de literatura, fez-se necessária, então. Não pretendo escrever outro livro, ou quem sabe brote outra ideia.

Conservo aqui, o primeiro prefácio escrito pelo querido Prof. e Acad. Emanuel Franco, que muito me incentivou a escrever. Convenceu-me de que eu tinha talento para tanto.

Todavia, esse segundo prefácio ficará a cargo do Acad. Dr. Antônio Porfirio de Matos Neto, por cultivar coisas memoriais como uma casa de farinha em sua propriedade no povoado Alagadiço, município de Frei Paulo/SE, onde mantem às expressas próprias um bem cuidado Museu do Cangaço, além de uma biblioteca.

Perdoem-me os leitores, mas me inspirei no querido Acad. João Oliva Alves, que me confessou que esse livro era uma opção agradável para ele, quando queria ler algo leve, engraçado e distraído.

Aqui vai então o *Casa de Farinha*. Mais enxuto, mais interessante e com causos novos, repaginado como se diria.

É o que avalio.

UMA SEGUNDA JUSTIFICATIVA

Volto a escrever sobre o *Casa de Farinha*, publicado em 2005, e já se vai um bom tempo. Mas por que voltar a esse livrinho, e revisando-o, ampliar suas estórias, inserindo outros causos, que não foram contados? Creio que a força da idade, o sentimento de urgência, de oportunidade, ainda a mim dispensado.

O *Casa de Farinha* agradou aos mais românticos, como também aos mais velhos, e aos mais jovens sempre.

Creio que isso se deve a sua característica pueril, posto que traz imagens que foram gravadas na mente infantil e ainda em formação de uma criança vivaz, sensível e atenta às coisas mais simples e significativas do cotidiano da vida prosaica da roça.

Mas, o que mais me motivou foi um sonho lindo que me aconteceu há poucos dias: fazia o mesmo percurso da chegada ao povoado Pedro Gonçalves, e era recebida na casa de farinha onde acontecia uma festa e todos me saudavam felizes.

Aí, eu pensei não poder mais postergar esse plano de refazer e ampliar o livro.

Frequentei aquele lugar por anos com a minha mãe, que já o frequentava desde menina, indo para a casa dos avós, Eduardo e Catarina. Com a morte deles, ficávamos na casa da tia Minervina e minha mãe era muito apegada à prima Catarina, sua filha. Ouvi dela muitas estórias, e vivenciei a maioria dos fatos

aqui narrados atenta sempre aos causos, embora nem pensasse em colocar em papel e tinta, as experiências que vivi.

Creio que deixamos de ir em férias para lá quando eu tinha dez anos. Tia Catarina casou-se, e veio morar na capital, depois a tia Minervina e as outras tias faleceram. As primas casaram e mudaram de lugar. A casa de farinha perdeu a graça após a morte do Seo Manoel, o arrendatário, e de sua filha Izaltina. Eu também mudei, mas nunca me livreí das lembranças que sempre me vinham à mente quando deitava, e em pensamento percorria a estradinha pra mim tão romântica e bucólica.

INTRODUÇÃO

HOMEM X NATUREZA

O filósofo Francis Bacon (1561-1626) em *Aforismos sobre a Interpretação da Natureza e o Reino do Homem*, então diz em *Aforismo I*: “O homem, ministro e intérprete da natureza, faz e entende tanto quanto constata, pela observação dos fatos ou pelo trabalho da mente, sobre a ordem da natureza; não sabe e não pode mais”. Ainda, no *Aforismo nº IV*: “No trabalho da natureza o homem não pode mais que unir e apartar os corpos. O restante realiza-o a própria natureza, em si mesma”. Criticando as especulações humanas, reverbera ainda no *Aforismo nº X*: “A natureza supera, em muito, em complexidade, os sentidos e o intelecto. Todas aquelas belas meditações, e especulações humanas, todas as controvérsias são coisas malsãs. E ninguém se apercebe disso”.

Em observação, testemunhamos que a Natureza e a Revelação nos dão o vislumbre do amor de Deus, inculcados nos corações.

Ao contemplar as belas e maravilhosas obras da natureza, inferimos como de modo admirável, ela se adapta às necessidades do ser humano e de todos os demais seres vivos. É Deus quem as atende, diariamente, visando o bem de suas criaturas como é expresso no Salmo 145: 15 e 16: “Os olhos de todos esperam em Ti, abres a Tua mão e Tu lhes dás o seu mantimento no tempo certo. E satisfazes os desejos de todos os vivos”.

Concordando com o pensador, e observando de perto a luta do homem versus natureza, observamos que, no campo, a natureza integraliza a vida na sua totalidade.

O homem se amálgama de tal forma ao ambiente que chega a exalar o cheiro do campo, a comporta-se como “se lhe dita o meio”, o que lhe é expresso, no farfalhar do vento, no amadurecimento do grão sob o solo, ou da raiz subjacente. O canto dos pássaros, o arrulho natural dos animais, quando saúdam o nascer e o pôr-do-sol, lhes dão o *modus vivendi*.

Discernir as temporadas chuvosas, os efeitos da lua sobre a vida dos homens e dos animais exigem um treinamento diário e um senso de observação sensível e importante. Observar essa interação, essa simbiose, deixa empolgado o estudioso da sabedoria natural.

O ato de perscrutar os sinais – como o momento propício de plantar, colher e criar – é definido pela natureza, só restando ao homem pôr ordem nas coisas por mais que lhe seja custoso.

Na fábula *Nova Atlântida*, obra inacabada de Francis Bacon, a qual se contrapõe à *Atlântida*, mencionada na *República* de Platão, a Ciência não é apresentada como exercício de gabinete ou atividade contemplativa, mas no trabalho de observação, na luta árdua e diária com a natureza. A principal ideia aí posta, é a de que a harmonia e o bem estar dos homens repousam no controle científico alcançado sobre a natureza e a consequente facilitação da vida em geral.

As horas mais felizes no campo são as do alvorecer e do ocaso. A terra fica festiva, as árvores e plantas rasteiras exalam seu perfume e o cheiro da terra é renovado.

A natureza fala alto no seu mudo silêncio. Outrossim, a própria natureza se encarrega de deixar o homem sábio, dentro dos limites que impõe. O próprio ar que circula, passando pelas

folhas, penetra nas narinas e pelos poros de quem lhe está em contato, trazendo-lhe benefícios saudáveis e conferindo-lhe uma cor toda especial.

A empatia homem-natureza, pode não ser perfeita, mas o torna feliz. Para auferir tudo isso, é preciso amar e observar com o coração.

Aliás, o próprio Senhor Jesus nos mandou observar a natureza quando disse no Evangelho de Lucas 21: 29 e 30: “Aprende, pois a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam, e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão”. A chuva que traz vida e destruição, e o sol que faz amadurecer o grão e resseca o solo, dizem das dificuldades que fazem de uma fazenda, por exemplo, não coisa pronta, mas um contínuo “fazendo”. Pensando em nosso filósofo inspirador, é isso que compete ao homem: continuar fazendo, visto que “ele não sabe e não pode mais”.



edivaldojunior.com.br

PREFÁCIO DA EDIÇÃO DE 2005

A Academia Sergipana de Letras, que abriga intelectuais sergipanos, tem no seu quadro quarenta componentes, eleitos pelo voto. A admissão a essa plêiade faz-se de forma democrática, tendo como única exigência, a inserção dos candidatos na sociedade intelectual sergipana, e para tanto deve o postulante dirigir o clássico pedido aos seus pares; e isso é por morte do ocupante da cadeira pertinente. Todavia, a Academia não se fechou sobre si mesma, como muitos pensam.

Em 25 de agosto de 1984, o então presidente, de saudosa memória, Acad. Dr. Antônio Garcia Filho, deu por criado um Movimento de Apoio Cultural – o MAC – que atrairia intelectuais, apoiados pela Academia, num gesto de plena democratização cultural, ensejando oportunidades. O MAC, hoje denominado – Movimento Cultural Antônio Garcia Filho – por justa homenagem ao seu idealizador, possui vinte membros, que podem participar ativamente das reuniões acadêmicas, com direito a apresentação de seus trabalhos intelectuais.

Por tal processo, adentrou em agosto de 1984, a professora de História Cléa Maria Brandão, que tem mostrado ao longo desses anos sua inteligência. Neta do Bacharel em Direito, intelectual de verve discursiva, político atuante, Dr. Zaquêo Brandão, companheiro de lutas de Augusto Maynard Gomes e que se destacou na revolta em 1924. A cidade de Aracaju, sob a interventoria de Maynard, prestigiou-o, dando seu nome a uma das ruas de nossa cidade.

A Prof^a Cléa Brandão segue a trajetória do seu ancestral e produz este livro, *Casa de Farinha e Outros Escritos*, que tenho orgulho de prefaciar, até porque eu fui o seu maior incentivador, nos momentos de desânimo, frente às dificuldades que a coisa impõe.

Neste livro vemos a descrição do que ela viu e vivenciou, em criança, no povoado Pedro Gonçalves, da cidade de Marcação, hoje General Maynard, e ainda páginas que retratam sua inteligência criativa.

Ao por a lume esta obra tão da alma e do coração, dá exemplo aos intelectuais desconhecidos de como vale a pena o esforço.

A Academia Sergipana de Letras, onde os escritores são tão bem-vindos, louva todas as iniciativas da inteligência e da cultura.

Por tudo isso, emociona-me apresentar à praça mais um Pensador.

Emmanuel Franco

Professor e acadêmico

Aracaju, julho de 2005.

PREFÁCIO SEGUNDO

Memórias da casa de farinha, memórias da vida. A casa de farinha é o local onde se transforma a mandioca em farinha. No caso deste livro, o local onde as memórias se transformam em causos e proseados de doce paladar.

A massa da mandioca se decanta e vira puba nas palavras de Cléa Brandão. Uma puba que é transformada em mingau a escorrer da boca e dos lábios daqueles personagens que povoam as memórias e os imaginários da escritora.

A mandioca limpa e cortada em pedaços toma lugar ao fundo da moenda, onde a prensa vai girando pela força de mãos caalejadas e transformando o tubérculo em massa grossa. Depois de colocada em tacho grande sobre o fogo de chão, os grãos de farinha vão ganhando vida. Assim como as palavras, como a moenda surgida na mente da escritora e a tudo ensacando nas páginas de um livro.

A farinha mata a fome, dá sustento, é inseparável da mesa do rico e do pobre. Farinha fina, grossa, mediana, alentada pelo tempo de fogo no tacho da vida. E que delicioso alimento que a escritora Cléa nos coloca sobre a mesa. Em cada palavra o poder da nutrição do tempo, do passado, dos olhares para trás e dos convívios com as realidades descritas em sua obra.

Fruir, saborear, querer mais das memórias, das histórias e estórias, dos causos, de um emaranhado de situações pitorescas que nos conduz ao viver na própria casa de farinha. Só que

a farinha diluída no tempo, solta na mesa dos dias, realimentando o que não pode ser esquecido e proporcionando sabor aos que precisam conhecer as sublimes e singelas realidades.

Uma casa de farinha espalhada na Natureza, entre os tufos de mato e os cheiros do campo. Moendas entrincheiradas entre casinhas velhas de barro e cipó e onde velhas mãos tanto tecem os rosários de contas como vão moldando o barro da existência. E assim Cléa Brandão vai nos situando nos bucolismos existenciais e nas paisagens de encantamentos e devoções.

Um mundo descrito através da palavra e dos olhos da Natureza. Um mundo onde o seu habitante é personagem envolvido pelo próprio meio e, portanto, apenas mais um elemento de um todo cheio de simbolismos e mistérios. Um mundo encantado onde somente o seu habitante pode ouvir sua voz e sentir seu olhar. Personagens que vão se arvorando dos fios da vida e tecendo colchas e mais colchas de histórias de encantar. Ora, enquanto a prensa vai girando e massa da mandioca vai ganhando pastosa solidez, aqueles personagens vão construindo seu próprio mundo.

E que belo mundo! O mundo da roça, o mundo das terras tantas e espalhadas por todo lugar, o mundo onde as enxadas e os enxadecos escrevinhavam entre os tocos as gramíneas. Latifúndios, pequenas propriedades, malhadas e quintais. Ali um arvoredos, ali um umbuzeiro, ali um pé de baraúna ou de umburana de cheiro. E o homem, o seu habitante, escrevendo a cada instante o seu livro existencial. Este é o livro, o livro da singeleza e da simplicidade, ora reescrito por Cléa Brandão.

As memórias da escritora vão tomando fôlego, vão pulsando a cada instante de recordação. Recordações familiares, de amigos, de desconhecidos, de pessoas que um dia simplesmente encontrou desde os seus idos de infância. Assim que saía da

cidade e tomava o rumo do campo, da natureza em viva flor, então a escritora se via diante de fascinantes realidades. E estas cravadas na pedra da escrita, eternizadas em livro, gestadas para a eternidade pelo imenso prazer do vivenciado.

As memórias descritas por Cléa ganham moldura, tomam feição, surgem com gosto e sabor a cada palavra. A escritora nos coloca perante um álbum onde é possível – ainda – reencontrar e vivenciar os tempos idos. O seu memorialismo é tão vivo e pulsante que as vozes antigas ainda são ouvidas, as presenças ainda são interagidas, as pessoas continuam nos seus afazeres de cada dia.

Neste sentido, *Casa de Farinha* sintetiza a moenda do tempo, a prensa remoendo as memórias, os tachos depurando as vivências e as saudades. Esmiuçando aquelas páginas antigas, primorosamente relatando aquela realidade com seus singelos e queridos personagens, Cléa acaba nos situando dentro de suas próprias memórias. Dentro de um passado tão rico em vivência e conhecimento, que jamais poderá ser esquecido.

Assim, na *Casa de Farinha* há vida. Mesmo no passado, a importância da vida e suas lições mais antigas. É assim porque, ainda hoje, continuamos nos alimentando daquilo que um dia foi gestado nas casas de farinha de nossas existências.

Acad. Dr. Antônio Porfírio de Matos Neto

Membro da Academia Sergipana de Letras, da Academia de Letras de Aracaju e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.